

MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS: DIFERENTES METODOLOGIAS, DIFERENTES RESULTADOS

INTERACTIONAL DISCOURSE MARKERS: DIFFERENT APPROACHES, DIFFERENT RESULTS

Raquel Meister Ko. Freitag / Rosangela Barros da Silva /
Flávia Regina de Santana Evangelista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, BRASIL

rkofreitag@uol.com.br / rosangela_852@hotmail.com / flysantana@hotmail.com

DOI: <https://dx.doi.org/10.21814/diacritica.32>

Marcadores discursivos são itens linguísticos que funcionam nos domínios cognitivo, expressivo, social e textual e que emergem da interação falante/ouvinte e são provenientes de outras categorias gramaticais, por processo de gramaticalização, tais como formas verbais (**entendeu?** e **sabe?**), reduções frasais (**né?**), adjetivos (**certo?**). Apresentamos o resultado de uma investigação sobre o uso de marcadores discursivos interacionais na fala de jovens escolares da cidade de Aracaju, SE, Brasil, comparando os resultados obtidos com os de outras variedades do português brasileiro. Os resultados apontam para a recorrência de uso dessas estratégias interacionais na fala dos jovens aracajuanos direcionadas para contextos específicos: interações simétricas, para as mulheres, e assimétricas, para os homens, foram os contextos mais propícios para a ocorrência dos marcadores discursivos interacionais, revelando efeitos estilísticos. No entanto, ao comparar os resultados com outras variedades, nos deparamos com questões metodológicas diferenciadas que podem interferir nos resultados obtidos.

Palavras-chave: marcadores discursivos; sexo/gênero; metodologia de coleta de dados.

Discourse markers are linguistic items that work in cognitive, expressive, social, and textual domains arising from the speaker/listener interaction and coming from the other grammatical categories, by grammaticalization process, such as verb forms (**entendeu?** and **sabe?**), phrasal reductions (**né?**), adjectives (**certo?**). In this paper, the use of interactional discourse markers in the speech of Aracaju young students from city of Aracaju, SE, Brazil, is investigate and this result is compared with other varieties of Brazilian Portuguese. The results point out to the recurrent use of these interactional strategies in the speech of Aracaju young students, targeted to specific contexts: symmetrical interactions, for women, and asymmetric interactions, for men, have been the most favorable for the occurrence of interactional discursive markers, by revealing stylistic effect. However, in contrast to the results with other varieties, we deal with differentiated methodological issues that may interfere with the results obtained.

Keywords: discourse markers; sex/gender; data collection methodology.

0. Introdução

Em contextos de interação, muitos dos elementos linguísticos selecionados pelos falantes apresentam comportamentos diferentes daqueles encontrados nas prescrições gramaticais e expandem seus sentidos e significados para o campo pragmático do falante e do ouvinte envolvidos na interação, como resultado de gramaticalização, em que novos elementos “emergem conforme os falantes incorporam e moldam material externo dentro da gramática interna” (Traugott, 2001, p.128, tradução nossa).⁽¹⁾

Nesse processo, itens, que podem ser derivados de um item lexical ou de uma construção sintática, assumem funções relacionadas tanto à organização interna do discurso como às funções interacionais. Incluem-se, nessa categoria, elementos definidos na literatura como marcadores discursivos interacionais, como **entendeu?** e **sabe?**, que têm em sua origem formas verbais; **né?**, derivado de reduções frasais, e **certo?**, que provém da classe dos adjetivos, dentre outros. A seleção pelo falante de marcadores discursivos na dinâmica do uso da língua em situação de interação auxilia a organização textual e discursiva, ao possibilitar a troca de turnos na interação, recrutar e compartilhar significados e externalizar perspectivas e atitudes dos falantes.

A emergência e o comportamento dos marcadores discursivos têm sido descritos, no Português Brasileiro, a partir de perspectivas funcionais e sociolinguísticas, assumindo a hipótese de gramaticalização dos itens, como apontam os estudos de Castilho (1989), Marcuschi (1989), Macedo & Silva (1996), Martelotta, Votre & Cezário (1996), Freitag (2001, 2007, 2008), Risso, Silva e Urbano (1996, 2006), Valle (2001), Longhin-Thomazi (2006), Urbano (2006), Guerra (2007), Rost-Snichelotto & Gorski (2011), Carrascossi (2014), Figueredo (2015), Lopes-Damasio (2016), dentre outros.

Uma característica dos estudos que descrevem o comportamento de marcadores discursivos em diferentes variedades do Português Brasileiro é o fato de que são tomadas como base amostras constituídas de acordo com as premissas sociolinguísticas. Aspectos como a trajetória de mudança das estratégias gramaticalizadas de interação (Freitag, 2008), as macrofunções textuais e interacionais dos marcadores discursivos (Rost-Snichelotto & Gorski, 2011) e a multifuncionalidade dos marcadores discursivos (Valle, 2001), por exemplo, são descritos a partir de dados obtidos em amostras

(1) No original: “The phenomenon of grammaticalization arises as speakers insert and shape external material within the internal grammar”.

linguísticas extraídas de bancos de dados sociolinguísticos constituídos a partir dos anos 1990, a partir da realização de entrevistas sociolinguísticas, estratificadas quanto ao tempo de escolarização. Por outro lado, os estudos de Risso, Silva & Urbano (1996, 2006) e Castilho (1989) tomam por base amostras constituídas a partir do final da década de 1960, com entrevistas, elocuições formais e diálogos entre dois informantes de um mesmo nível de escolarização (Projeto Norma Urbana Culta - NURC). A diferença de metodologia na constituição das amostras pode resultar em diferentes resultados?

Os marcadores discursivos interacionais sob investigação atuam na organização da fala e do discurso e apresentam aspectos gramaticais e funcionais que são observados nas formas e nas posições que ocupam nessa organização discursiva; ao compartilhar essas funções, podem ser considerados como variantes de uma mesma variável linguística, em um sentido ampliado, considerando a variação nos níveis gramaticais mais altos (Freitag, 2009a), em uma abordagem sociofuncionalista (Tavares, 2013). Apesar de serem itens basicamente orientados pela interação, o viés sociolinguístico da abordagem leva a uma descrição de usos destes elementos a partir de uma amostra de língua constituída segundo a metodologia da Sociolinguística Variacionista, que é caracterizada por um tipo de protocolo conhecido por entrevista sociolinguística, em que a interação é guiada por um roteiro, com controle de tópico pelo entrevistador. Além disso, a estratificação social dos falantes de uma amostra sociolinguística pode variar, não havendo critérios pré-estabelecidos quanto ao corte de faixa etária, além das assimetrias de nível de escolaridade e, também, a diferença temporal entre amostras, que não costuma ser coletadas sincronamente. E estas diferenças nos critérios de constituição de amostras pode interferir nos resultados (Freitag & Rost-Snichelotto, 2015). Por isso, a comparação de resultados de estudos sobre os mesmos fenômenos linguísticos nem sempre revela características diatópicas das variedades linguísticas em questão, mas, sim, podem revelar efeitos da diferença metodológica na geração de dados.

Neste trabalho, observamos a ocorrência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?**, **né?** e **certo?** na fala de jovens aracajuanos e comparamos a sua frequência de uso a resultados obtidos para os mesmos itens em outras duas variedades do português brasileiro. A amostra relativa à cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, região Nordeste do Brasil, foi extraída do Banco de Dados Falaes Sergipanos (Freitag, Martins & Tavares 2012, Freitag, 2013). As outras duas amostras, das cidades de

Florianópolis (capital) e Chapecó (interior) do estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil, foram extraídas, respectivamente, do Banco de dados do Projeto Interinstitucional Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL (amostras Florianópolis e Chapecó) e do banco de dados Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina – VMPOSC (amostra Chapecó), cujos resultados foram sistematizados a partir de Valle (2001) e Trapp (2014). A principal diferença entre os bancos de dados é que a amostra de Aracaju foi constituída por uma metodologia voltada aos aspectos pragmáticos, por meio de interações conduzidas (Araujo, Santos & Freitag, 2014), enquanto as amostras de Florianópolis e de Chapecó foram constituídas a partir de entrevistas sociolinguísticas.

1. Marcadores discursivos interacionais

Marcadores discursivos são um conjunto de itens linguísticos que funcionam nos domínios cognitivo, expressivo, social e textual, mobilizando dois aspectos do conhecimento comunicativo intimamente relacionados entre si: o expressivo e o social, que são a capacidade do falante de usar a linguagem para mostrar suas identidades pessoais e sociais, transmitir atitudes, executar ações e negociar relações entre o eu e o outro (Schiffrin, 2001). Estes elementos linguísticos podem tanto atuar na organização, construção e/ou manutenção da sequenciação discursiva, como também desempenhar funções interacionais, voltadas para a relação entre falante e ouvinte. Marcadores discursivos interacionais, foco da presente investigação, são construções que emergem da fala em interação e assumem funções de atrair para si a, ou aproximar-se da atenção do interlocutor, planejando, mantendo e organizando a interação falante/ouvinte no processo de interação.

Este tipo de marcador discursivo apresenta posição variada na sequência discursiva e devido à sua origem e processo de mudança, no qual inicialmente apresentavam-se em contextos de perguntas plenas “passando ao uso em contextos totalmente interrogativos, pergunta semi-retórica, em que o falante responde à sua própria pergunta, e por fim, a construção encontra-se em contexto interrogativo totalmente retórico” (Freitag, 2009b, p. 7), podem apresentar um contorno entoacional interrogativo com maior ou menor proeminência, o que caracteriza sua natureza interrogativa.

Nessa perspectiva, são elementos multifuncionais já que “apresentam caráter textual que estabelece a coesão entre as partes do texto, e caráter interpessoal que mantém a interação falante/ouvinte, auxiliando no planejamento da fala” (Freitag, 2009b, p.2). No excerto (1), a forma desta-

cada **né?** possui a função de estratégia interativa para chamar a atenção do interlocutor e de integração de tópicos. Ademais, **né?** apresenta uma função interpessoal relacionada à expressão de atitude do falante que, na relação de interação, o interlocutor avalia as posições pessoais do locutor para “negociar as relações entre o eu e o outro” (Schiffrin, 2001, p.54, tradução nossa).⁽²⁾

(1) isso e falta também de da educação e presença dos pais na alimentação de seus filhos porque minha mãe sempre me ensinou que nunca deve- devemos trocar o almoço por vamos dizer por um pastel porque às vezes você vai sentir na vamos dizer assim três horas depois vai se sentir fraco e vai sentir fome e né só isso também posteriormente vai aquele faz mal na verdade **né?** É o uso de doces também minha mãe sempre me ensinou que tem que ser moderado eu nunca troquei um almoço por um lanche. (FM, M, U)⁽³⁾

Marcadores discursivos interacionais, sendo elementos multifuncionais que requerem diferentes conhecimentos e habilidades comunicativas dos falantes durante a interação, os conhecimentos adquiridos pela experiência de vida de cada falante são determinantes na maneira de interpretar as trocas de informações e de se expressar em um contexto de comunicação.

No excerto (2), o compartilhamento do contexto de interação faz com que os marcadores não sejam apenas elementos linguísticos contendo significados semânticos e pragmáticos, formas e funções de um conjunto de expressões. Eles, também, estão relacionados à organização das interações sociais e às situações em que são usados.

(2) o sistema educacional aqui no Brasil ele é muito precário ainda né? e assim cabe à educação ser eh ser prioridade do governo a educação é a prioridade do governo fala aqui mas assim também cabe à sociedade eh à sociedade cobrar e fiscalizar do governo pedir pra que o governo cobrar mesmo **entendeu?** o que é que você acha sobre a educação? se realmente a sociedade que deve cobrar e fiscalizar do governo? (FF, F, U)

(2) No original: “Two aspects of communicative knowledge closely related to one another are expressive and social: the ability to use language to display personal and social identities, to convey attitudes and perform actions, and to negotiate relationships between self and other.”

(3) Este excerto foi retirado da amostra Falares Sergipanos (Freitag, 2013). Ao final, a sigla informa a assimetria/simetria da interação, o sexo/gênero do falante e a zona de residência. Quanto à assimetria/simetria FM significa interação Feminino x Masculino; FF, interação Feminino x Feminino; MM, interação , Masculino x Masculino. Em seguida, M significa falante Masculino; F, falante Feminino e, por fim, U = Zona urbana.

A forma de base verbal **entendeu?**, no excerto (2), desloca sua função de verbo de 3ª pessoa para adquirir funções pragmáticas de interpessoalidade para a aquiescência do interlocutor ou, ainda, testar a recepção do ouvinte. Além da função interativa de **entendeu?**, esse elemento, fixando-se no final do enunciado, para a abertura de outro enunciado, desempenha a função gramatical relacionada à organização do texto.

(3) OTÁVIO: eu acho que num não com certeza eu não reagiria porque não sei o que ele tá guardando ali no bolso né? vai que ele tem uma faca ou alguma coisa assim perigosa for uma arma entendeu? então é melhor levar o meu celular do que tirar a minha vida... **certo?**

MARIÁ: hum hum

OTÁVIO: hum... vamos falar sobre o Bolsa-Família

MARIÁ: hum hum

OTÁVIO: o Bolsa-Família ele foi lançado né? para combater a fome no Brasil

MARIÁ: hum

OTÁVIO: mas nem todos eles veem com com uns bons olhos essa essa ação outras pessoas pensam que é só pra as pessoas que é rico num quer trabalhar mais tá só que ficar só em Bolsa-Família você acha isso certo? (MF, M, U)

(4) LÚCIO: eu acho uma coisa errada a pessoa tem que falar não falar o que sabe por trás da pessoa eu acho isso errado sempre um comentário é bem-vindo **sabe?** sempre um comentário é bem-vindo mas só do que você sabe de certeza.

LIPE: agora rapaz sempre eu vejo uma coisa assim dos homens homens não tem negócio assim de muita fofoca agora mulher tem aquele negócio

LÚCIO: meu Deus do céu

LIPE: eu não sei o que é que acontece com as mulheres que as mulheres têm esse desejo que elas já é da mulher já já é cultura

LÚCIO: já é cultura

LIPE: da mulher fofocar (MM, M, U)

No excerto (3), a forma destacada **certo?** possui a função de estratégia interativa para finalizar o argumento do falante e trocar o turno. E, no excerto (4), a forma **sabe?** tem a função de estratégia interativa para chamada do ouvinte e manter a organização argumentativa do falante. É importante também observar que o tópico da interação gira em torno de questões sociais que revelam atitudes e crenças dos falantes.

Essa relação entre o contexto social e a língua em uso está intrinsicamente associada aos fenômenos linguísticos e em como estes se estabelecem em um contexto de interação verbal. Na perspectiva de Schiffrin (1994), a língua como interação social resulta em importantes consequências, pois, a interação social é um processo pelo qual um falante tem um efeito sobre outro e, estar envolvido em uma interação social é estar envolvido, também, em um intercâmbio, no qual nossas próprias atividades são direcionadas para outro falante e as atividades das outras pessoas são direcionadas para nós.

Por emergirem no contexto social da interação, marcadores discursivos são elementos linguísticos sensíveis a efeitos de variáveis sociais estratificadas e não estratificadas. Uma das categorias controladas nas abordagens sociolinguísticas para averiguar a covariação entre o uso de marcadores e variáveis sociais é sexo, tradicionalmente associada à preferência e sensibilidade feminina por variantes linguísticas com maior prestígio social. Daí, decorre que mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística que envolvem variantes prestigiadas e assumem uma atitude conservadora quando as variantes são socialmente desprestigiadas (homens tendem a liderar a mudança, nesse caso). Mais recentemente, nos estudos sociolinguísticos, a variável sexo vem sendo rotulada como sexo/gênero por recobrir não a distinção biológica, mas a distinção de papéis sociais assumidos. O processo de construção da identidade de gênero é visto de uma forma mais ampla, englobando as escolhas e usos linguísticos como efeitos da construção de uma dada identidade em um dado contexto e com uma certa finalidade. Por isso, nos estudos sociolinguísticos, a variável sexo/gênero é considerada como uma supercategoria, um rótulo amplo que recobre diferentes nuances sociais e estilísticas (Freitag, 2015).

Marcadores discursivos são, particularmente, fortemente associáveis a diferenças entre o comportamento linguístico de homens e mulheres, em termos polarizados e prototípicos. Lakoff (1973), descreve as características de um sexoletto feminino, marcado por um vocabulário específico, adjetivos vazios, entonação interrogativa em contextos em que se esperaria entonação assertiva, e marcadores discursivos como estratégias de defesa (evidenciais epistêmicos, adversativos, etc.), além de aspectos de correção polidez linguística. Tais traços da fala feminina levariam a uma impressão geral de fraqueza e não-assertividade, em uma perspectiva de déficit. Por outro lado, Zimmerman & West (1975) evidenciam os efeitos de dominação no papel desempenhado por homens e mulheres em interações: a dominação masculina se verifica nas sobreposições de fala e interrupções,

muito mais frequentes do que na fala feminina, em interações mistas. O controle do tópico discursivo é outro ponto que reforça essa dominância. Holmes (1998), ao analisar a complementação nas interações, evidencia o papel feminino neste trabalho interacional. Complementar a fala do outro (ao contrário de interromper ou sobrepor) expressa solidariedade e avaliação positiva; em interações simétricas (ambos falantes homens ou mulheres) e assimétricas (homens e mulheres), Holmes (1998) verifica que há uma polarização do comportamento interacional quanto à complementação: em interações entre mulheres há muito mais complementação do que em interações entre homens. Por isso, o controle da simetria/assimetria sexo/gênero nas interações pode dar pistas sobre usos mais específicos de marcadores discursivos.

Marcadores discursivos interacionais são elementos linguísticos com especificidades de estratégias discursivas organizadas de planejamento, replanejamento, correção ou manutenção da fala, e, por isso, contribuem para externalizar perspectivas e atitudes dos falantes, assegurando a ancoragem pragmática do conteúdo quando definem a força ilocutória, as atitudes assumidas em relação ao conteúdo, a checagem da atenção do ouvinte para a mensagem transmitida e a orientação do falante com relação à natureza do elo sequencial entre as unidades textuais. Assim, uma análise de suas funções em uma amostra de língua que foi captada considerando critérios pragmáticos pode apresentar uma maior diversidade de funções de base pragmática, relevando os papéis de falante e de ouvinte, diferentemente dos estudos que tomam amostras constituídas a partir de entrevistas sociolinguísticas, em que são mais salientes as relações do entrevistador sobre o entrevistado.

2. Metodologia

A análise da recorrência dos marcadores discursivos interacionais foi realizada com uma amostra relativa à cidade de Aracaju, extraída do Banco de Dados Falares Sergipanos (Freitag, 2013). Este banco de dados vem sendo constituído a partir de duas linhas de coleta: a de comunidades de fala (estratificação homogeneizada) e a de comunidades de práticas (relações sociopessoais). A amostra de estratificação homogeneizada é a que segue o padrão estabelecido nos bancos de dados sociolinguísticos no Brasil, com a identificação de informantes com um perfil específico quanto às características sociodemográficas amplas, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade (Freitag, Martins & Tavares, 2012, Freitag, 2016a). A amostra de

relações sociopessoais não segue essa estratificação rígida; a seleção se dá a partir do foco de interesses em questão, em comunidades de práticas. Para esta análise, consideramos a segunda linha de coleta, elegendo o domínio das práticas escolares, por meio da metodologia de interações conduzidas, desenvolvida a partir da seleção de estudantes, considerando a observação das práticas na comunidade, por meio do critério de identidade de grupos (Araujo, Santos & Freitag, 2014).

Neste tipo de coleta não há a presença de um entrevistador/pesquisador com um roteiro de perguntas a serem feitas ao entrevistado/informante. São entregues, aos informantes, cartões descrevendo situações diversificadas, abordando assuntos do interesse, ou do cotidiano, do perfil do grupo. Foram abordados temas como segurança nas proximidades do colégio, redes sociais, uso de celulares na sala de aula, primeiro beijo, entre outros. A partir do conteúdo presente nos cartões, os informantes iniciam e desenvolvem um diálogo, sem a presença do pesquisador. Ambos discutem acerca do que foi proposto em cada um dos 12 cartões entregues, cada cartão com tópico diferente, e conforme os temas apresentados, eles também podem desenvolver sobre outros assuntos durante a interação. Esta metodologia de coleta tem sido particularmente produtiva para estudos sobre efeitos de polidez na variação linguística e o papel do sexo/gênero (Araujo & Freitag, 2015, Mendonça & Freitag 2016, Santos & Freitag, 2016, Freitag, Santana, Andrade & Sousa, 2016, Freitag, 2016b).

Para a análise dos marcadores discursivos, foram utilizadas 29 interações, entre 6 estudantes do sexo/gênero feminino e 6 do sexo/gênero masculino. Fizemos a seleção dessas interações de forma que pudéssemos controlar, para cada informante, a mesma quantidade de interações com indivíduos do mesmo sexo/gênero que o seu (relação simétrica), e do sexo/gênero oposto (relação assimétrica), a fim de identificar os efeitos da simetria/assimetria de sexo/gênero na recorrência dos marcadores discursivos interacionais, em uma abordagem sociolinguística. O levantamento quantitativo da amostra possibilita: a) identificar a ocorrência e distribuição dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?**, **né?** e **certo?**; b) observar a distribuição dos marcadores discursivos interacionais por sexo/gênero e, c) comparar a frequência distribucional de dois marcadores discursivos interacionais, **entendeu?** e **sabe?**, nas comunidades de fala, a sergipana e a catarinense.

3. Resultados e discussão

Os resultados desta investigação são apresentados em dois blocos: primeiramente, a distribuição das ocorrências de marcadores discursivos interacionais na amostra de interações, considerando os efeitos de sexo/gênero; e, no segundo momento, a análise contrastiva dos resultados obtidos nessa amostra com os obtidos, para os mesmos itens, em amostras linguísticas de outras variedades do português brasileiro e, constituídas de acordo com outros critérios metodológicos.

3.1 Marcadores discursivos interacionais na amostra Atheneu Sergipense

Encontramos na amostra sob análise um total de 1046 marcadores discursivos interacionais (tabela 1). A maior recorrência foi do marcador **né?**, com 74% do total das ocorrências, correspondendo a 772 casos. Em seguida, os marcadores mais utilizados foram os de base verbal, **entendeu?** e **sabe?**, com 17% e 8% das ocorrências, respectivamente. O marcador discursivo **certo?**, de base adjetival, foi o menos utilizado pelos informantes desta amostra e correspondeu a 1%, com 11 ocorrências, aparecendo somente na fala de um indivíduo da amostra.

Tabela 1. Distribuição dos marcadores discursivos de base interacional na amostra Atheneu Sergipense.

<i>Marcador discursivo</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>
Né?	772	74%
Entendeu?	182	17%
Sabe?	81	8%
Certo?	11	1%
<i>Total</i>	1046	100

Considerando a heterogeneidade da amostra, a única variável de estratificação social que foi considerada, devido à possibilidade de comparação com outros estudos, foi o sexo/gênero do informante, que apresentou resultados de frequência que sinalizam para uma polarização. No cômputo geral

de uso, os marcadores discursivos interacionais foram mais recorrentes na fala das estudantes, com percentual de 63%, 662 ocorrências; em contrapartida na fala dos estudantes, houve apenas 37% (tabela 2). Este resultado segue a tendência do esforço interativo despendido pelas mulheres, como sugerem Zimmerman & West (1975) e Holmes (1998), reforçando a necessidade de maior refinamento do controle desta variável.

Tabela 2: Distribuição dos marcadores discursivos interacionais quanto ao sexo/gênero do falante.

<i>Sexo/Gênero</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>
Feminino	664	63%
Masculino	382	37%
<i>Total</i>	1046	100

O item **né?** foi o marcador discursivo interacional mais utilizado em toda a amostra, como apontado anteriormente, independentemente do sexo/gênero do falante: falantes do sexo/gênero feminino apresentaram percentual de 78% para o uso do **né?** (tabela 3), enquanto falantes do sexo/gênero masculino apresentaram 66% (tabela 4).

Quanto ao uso dos outros marcadores pelas falantes de sexo/gênero feminino, as formas **entendeu?** e **sabe?** apresentaram distribuição equivalente, com frequências muito próximas: 77 ocorrências do marcador discursivo interacional **entendeu?** e 67 de **sabe?**, representando, respectivamente, 12% e 10% do total.

Tabela 3: Distribuição dos marcadores quanto ao uso dos informantes do sexo feminino.

<i>Marcadores discursivos</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>
Né?	520	78%
Entendeu?	77	12%
Sabe?	67	10%
<i>Total</i>	644	100%

Já o uso dos marcadores de base interacional por falantes do sexo/gênero masculino mostrou-se mais heterogêneo. Todas as formas foram utilizadas, com destaque para **né?**, assim como as falantes do sexo/gênero feminino. Entretanto, os marcadores provenientes de formas verbais, **entendeu?** e **sabe?**, apresentaram percentuais de uso distintos. A forma de maior preferência foi **entendeu?**, com percentual de 27% e 105 ocorrências, em um padrão de recorrência superior ao identificado entre as informantes do sexo/gênero feminino. **Sabe?** e **certo?** apresentaram baixa recorrência diante dos outros marcadores, com 4% e 3% do total. O marcador **certo?** apareceu somente na fala de um único falante, e **sabe?** apresentou-se de forma mais bem distribuída entre os falantes, entretanto, com um baixo número de ocorrência.

Tabela 4: Distribuição dos marcadores quanto ao uso dos informantes do sexo masculino

<i>MarCADOR discursivo</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>
Né?	252	66%
Entendeu?	105	27%
Sabe?	14	4%
Certo?	11	3%
<i>Total</i>	382	100%

Quanto às relações de simetria e assimetria das interações, os resultados parecem ir ao encontro de um ponto em comum, mas por percursos diferentes. Em contextos de interação com outras mulheres, ou seja, em contextos de simetria, as falantes usaram mais marcadores interacionais, com 56%, (tabela 5); ao interagirem com homens, o percentual foi de 44%. Tal atitude interacional aparece de forma oposta entre os falantes do sexo/gênero masculino: em contextos simétricos, em que interagiram com informantes do mesmo sexo/gênero, tenderam a fazer menor uso dessa estratégia interacional, 27% do total. Em contrapartida, quando interagiram com falantes do sexo/gênero feminino, contexto assimétrico, tenderam a fazer uso consideravelmente maior de marcadores discursivos interacionais, com percentual de 73%.

Tabela 5: Relações simétricas e assimétricas quanto ao sexo/gênero

<i>Sexo/Gênero</i>	<i>Relação simétrica</i>		<i>Relação assimétrica</i>		<i>Total</i>	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Feminino	371	56%	293	44%	664	63%
Masculino	102	27%	280	73%	382	37%
<i>Total</i>	473	45%	573	55%	1046	100%

Este padrão sugere que os usos dos marcadores discursivos interacionais estão relacionados diretamente ao gênero/sexo na amostra analisada, de modo que as interações com falantes femininos foram os contextos mais propícios ao uso dos marcadores discursivos de base interacional examinados neste trabalho. Tanto os homens, quanto as mulheres, ao interagirem com mulheres, fizeram maior uso desses marcadores, ou seja, é possível estabelecer uma relação entre contextos de assimetria para os informantes do sexo/gênero masculino, e simetria para o sexo/gênero feminino quanto aos marcadores discursivos.

Tal comportamento pode ser uma característica desta variedade linguística ou resultado do tipo de coleta de dados realizada. Considerar o efeito da simetria/assimetria da interação em amostras constituídas pelo protocolo da entrevista sociolinguística não é tarefa simples, na medida em que, muitas vezes, não há informações sobre o entrevistador, que é, por conta das características do tipo de banco de dados. Para tentar elucidar esta questão, realizamos uma análise comparativa dos resultados obtidos, a partir da nossa pesquisa, em uma comunidade de práticas sergipana, com os resultados obtidos por Valle (2001) e Trapp (2014), sobre os marcadores discursivos interacionais na variedade da fala catarinense, referente aos banco de dados VARSUL e VMPOSC.

3.2 Comparação com marcadores discursivos interacionais em amostras de fala: catarinense

Com o propósito de estabelecer um diálogo com outros trabalhos já realizados acerca dos marcadores discursivos interacionais, apresentamos um levantamento e comparação entre os resultados dos estudos de Valle (2001) e Trapp (2014), que realizaram pesquisas acerca do funcionamento e da ocorrência dos marcadores discursivos interacionais na fala catarinense,

especificamente nas cidades de Chapecó, interior, e na capital, Florianópolis. Os dados utilizados foram retirados de amostras do Banco de Dados do Projeto VARSUL, em ambas as pesquisas, e VMPOSC, na pesquisa de Trapp (2014). A partir dos resultados, podemos estabelecer uma comparação entre as ocorrências desses marcadores e suas especificidades em duas variedades do português brasileiro, a catarinense e a sergipana, a fim de investigar nuances em seus usos, sobretudo, no que tange aos fatores que foram controlados em comum pelas pesquisas, ou seja: a produtividade desses marcadores e os resultados relacionados à variável sexo/gênero em cada comunidade de fala.

Trapp (2014) analisou dois marcadores de origem verbal, **entende?** e **sabe?**. Na amostra VARSUL/Chapecó, foram identificadas 135 ocorrências dos marcadores interacionais, dos quais o mais produtivo foi **sabe?**, com 85% do total (115 ocorrências), sendo a forma **entende?**, 15% (20 ocorrências) menos utilizada pelos chapecoenses. Tal padrão de preferência também foi identificado na amostra VMPOSC, na qual, apesar da baixa recorrência em relação à amostra anterior – total de 11 marcadores discursivos encontrados – o marcador **sabe?** foi o mais recorrente, em 10 ocorrências, enquanto o marcador **entende?** ocorreu apenas uma vez.

Em seus resultados, a variável sexo/gênero foi relevante para a ocorrência desses marcadores discursivos na amostra VARSUL, apontando que as mulheres tendem a fazer maior uso de marcadores discursivos interacionais: 87% dos usos foram realizados por falantes do sexo/gênero feminino, e 13% por homens (tabela 6). Na segunda amostra utilizada por Trapp (2014), a VMPOSC, a recorrência dos marcadores interacionais foi muito baixa, apenas 11 ocorrências, não sendo possível relevar a importância da variável sexo/gênero nos usos dos marcadores. Nessa amostra, os percentuais alcançados foram bem próximos entre falantes do sexo/gênero feminino e masculino, com diferença de uso de um marcador a mais para os homens (tabela 7).

Valle (2001) também analisou os marcadores **sabe?** e **entende?**, acrescentando também o item **não tem?**. Em seus resultados, identificou 521 ocorrências de marcadores interacionais, dos quais as formas mais produtivas foram **sabe?** e **não tem?**, com 203 e 205 ocorrências, respectivamente, correspondendo a 39% de uso de cada um dos marcadores discursivos na amostra VARSUL/Florianópolis. **Entende?** apresentou 113 ocorrências, equivalendo a um percentual de 22%.

Tabela 6: Distribuição dos marcadores quanto ao sexo/gênero na amostra VARSUL/Chapecó. Adaptado de Trapp (2014, p. 121).

<i>Sexo/Gênero</i>	<i>Sabe?</i>		<i>Entende?</i>		<i>Total</i>	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Feminino	100	85%	18	15%	118	87%
Masculino	15	88%	2	12%	17	13%
<i>Total</i>	115	85%	20	15%	135	100%

Tabela 7: Distribuição dos marcadores quanto ao sexo/gênero na amostra VMPOSC. Adaptado de Trapp (2014, p.123).

<i>Sexo/Gênero</i>	<i>Sabe?</i>		<i>Entende?</i>		<i>Total</i>	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Masculino	5		1		6	55%
Feminino	5		0		5	45%
<i>Total</i>	10		1		11	100

A variável sexo/gênero apresentou influência na distribuição das frequências. De forma geral, homens e mulheres se aproximaram no que se refere à quantidade de usos, 51% e 49%, respectivamente, entretanto, apresentaram preferências no que concerne aos itens dos marcadores discursivos. Para falantes do sexo/gênero feminino, **sabe?** apresentou maior recorrência, com 72% do total; para informantes do sexo/gênero masculino, as formas mais recorrentes foram **não tem?**, 67%, e **entende?**, 63%.

Tabela 8: Distribuição dos marcadores quanto ao sexo/gênero na amostra VARSUL/Florianópolis. Adaptado de Valle (2001, p.151).

<i>Sexo/gênero</i>	<i>Sabe?</i>		<i>Não tem?</i>		<i>Entende?</i>		<i>Total</i>	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Feminino	146	72%	67	33%	42	37%	255	49%
Masculino	57	28%	138	67%	71	63%	266	51%
<i>Total</i>	203	39%	205	39%	113	22%	521	100%

Comparando os resultados das três investigações, observamos tendências de uso distintas para os marcadores discursivos interacionais, o que pode ser efeito da variedade linguística das comunidades de fala analisadas ou do tipo de coleta de dados realizada. Apesar dos trabalhos citados não terem investigado a ocorrência dos marcadores **né?** e **certo?**, podemos comparar os resultados em relação aos marcadores de base verbal, **sabe?** e **entende?** e a utilização no quadro geral pelos informantes de sexo/gênero distintos. Enquanto nas amostras constituídas por entrevista sociolinguística a forma **sabe?** ficou entre as mais produtivas, na nossa análise o marcador **entendeu?**, variante da forma **entende?**, foi o segundo marcador discursivo mais produtivo, depois de **né?**.

Se nos voltarmos para as preferências de uso de marcadores discursivos interacionais, de acordo com o sexo/gênero, veremos que, tanto na amostra florianopolitana quanto na aracajuana, os homens tenderam a fazer maior uso do marcador **entendeu?/entende?**. As mulheres, na amostra aracajuana, não demonstraram preferência entre as formas **sabe?** e **entende?**, utilizando-as de forma equilibrada, diferentemente dos resultados encontrados por Valle (2001). Na pesquisa de Trapp (2014), homens e mulheres demonstraram preferência pelo mesmo marcador discursivo interacional **sabe?**.

Os resultados alcançados e comparados aqui podem apontar para especificidades diatópicas nos usos desses marcadores discursivos. Em cada amostra analisada há uma preferência diversificada nos usos de marcadores de base verbal: Aracaju = **entendeu?**; Chapecó = **sabe?**; Florianópolis = **sabe/não tem?**. Mas, além dessas especificidades, podemos perceber uma leve nuance de preferência do uso dessas estratégias discursivas por parte dos falantes do sexo/gênero feminino nas duas amostras, tanto em Trapp (2014), quanto no estudo aqui desenvolvido: falantes do sexo/gênero feminino apresentaram os maiores percentuais de uso de marcadores. Na amostra florianopolitana, homens e mulheres apresentaram usos equiparados.

No entanto, antes dessas generalizações, é preciso refletir sobre um aspecto que chama a atenção, que é a relação entre recorrência de dados e tamanho da amostra analisada. A nossa análise, com amostra retirada do Banco de Dados Falares Sergipanos, é composta por 29 interações entre falantes, cada uma com cerca de 50 minutos a 1h de duração, o que resultou em 1046 ocorrências de marcadores discursivos interacionais. A amostra do estudo de Trapp (2014) é constituída por 36 entrevistas sociolinguísticas, com 1h de duração, estratificadas por idade, sexo e escolaridade, relativas à cidade de Chapecó. E a amostra de Valle (2001) é constituída, também por 36 entrevistas sociolinguísticas, igualmente com cerca de 1h

de duração, também estratificadas por idade, sexo e escolaridade, relativas à cidade de Florianópolis. Em termos de volume geral, as amostras de Valle (2001) e Trapp (2014) são maiores em material linguístico (cerca de 36 horas de gravação de entrevistas sociolinguísticas). A amostra do nosso estudo apresenta volume menor (cerca de 28h de gravação de interações conduzidas), porém, proporcionalmente, a recorrência de marcadores discursivos interacionais foi superior.

Uma explicação para essa diferença nos resultados é que, nas entrevistas sociolinguísticas, a fala do entrevistador não é considerada para fins de análise, enquanto nas interações conduzidas, por não haver entrevistador, o material linguístico de ambos os falantes que participaram do processo é integralmente utilizado. Assim, por conter maior volume de material linguístico útil para a descrição linguística e ser mais próxima de uma situação real de uso da língua envolvendo dois participantes, essa técnica de coleta de dados mostra-se mais adequada para compor amostras linguísticas a serem utilizadas em estudos de fenômenos de base mais interacional, como, por exemplo, a referência à segunda pessoa do discurso e marcadores discursivos. No entanto, a diferença de resultados pode ser também relacionada a aspectos constitutivos das diferentes variedades linguísticas das comunidades de fala envolvidas na análise contrastiva, mas, por conta da não padronização da coleta de dados, não podemos dirimir a questão.

4. Considerações finais

A escolha das expressões linguísticas e a adequação nas situações de uso são refletidas na apropriação da língua para revelar o ponto de vista de cada indivíduo. A essa diversidade linguística estão intrinsicamente relacionadas questões estilísticas, individuais ou coletivas, e as características do meio e do papel social de cada falante. Essas características são traços socioculturais externalizados pela linguagem de cada um.

Neste trabalho, analisamos e sistematizamos resultados de investigações sobre os marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?**, **né?** e **certo?** como variantes de uma mesma variável linguística ao atuarem na organização da fala, em contextos em que compartilham de aspectos gramaticais e funcionais observáveis nas formas e nas posições que ocupam na organização discursiva.

Na amostra analisada, constituída seguindo critérios pragmáticos, os marcadores discursivos interacionais se mostraram produtivos, computando um número expressivo de ocorrências em relação às amostras dos

outros estudos considerados, sobretudo na fala feminina. O contexto de interação simétrica para as mulheres e o de interação assimétrica para os homens foram os mais propícios para o favorecimento de uso de marcadores discursivos interacionais, ou seja, contextos com interactantes do sexo feminino favoreceram a utilização dessa estratégia discursiva, aponta uma relação existente entre o sexo/gênero e o uso de marcadores discursivos interacionais na comunidade de fala analisada.

A comparação com resultados de outros estudos realizados sobre marcadores discursivos interacionais permitiu identificar tendências de preferências diatópicas quanto ao uso desses marcadores, havendo variação, inclusive, entre formas de mesma base verbal (**entende?/entendeu?**). Em relação à variável sexo/gênero, identificamos estudos nos quais essa variável se fez relevante, como o de Trapp (2014), que apontou para maior utilização de marcadores discursivos interacionais por falantes femininas. Em outras investigações, como a de Valle (2001), tal variável não se mostrou atuante, já que homens e mulheres fizeram uso dos marcadores discursivos interacionais de forma equilibrada.

Os resultados da comparação distribucional dos marcadores discursivos nas variedades de Aracaju, Florianópolis e Chapecó revelam especificidades na escolha dos usos de marcadores discursivos interacionais; no entanto, não é possível atribuir essa especificidade de uso a características diatópicas das variedades linguísticas ou se é resultado da diferença metodológica na geração de dados. No entanto, a produtividade de dados deste fenômeno em uma amostra constituída por interações é superior à encontrada em amostra constituída por entrevistas sociolinguísticas, o que sugere que, para estudos com fenômenos de base interacional, amostras constituídas a partir de entrevistas sociolinguísticas não são as mais adequadas para a descrição dos usos; por outro lado, este tipo de protocolo é o mais difundido nos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros, o que permitiria a comparabilidade de resultados. A decisão metodológica tem impacto nos resultados.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, A. S., Santos, K. C. & Freitag, R. M. K., (2014). Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados. In R. M. K. Freitag (Org.), *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística* (99-116). São Paulo: Blucher.
- ARAUJO, A. S., & Freitag, R. M. K. (2015). A forma de futuro do pretérito no português do Brasil e a função de polidez. *Forma y Función*, 28(1), 79-97.

- CASTILHO, A. T. (1989). Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In A. T. Castilho (Org.), *Português Culto falado no Brasil* (249-279). Campinas: Editora da Unicamp.
- CARRASCOSSI, C. N. (2014). Usos discursivos e os postulados da gramaticalização: um estudo da expressão modalizadora pode ser. *Revista de Estudos da Linguagem*, 22(1), 207-236.
- FIGUEREDO, G. (2015). Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em português brasileiro: a gramática das partículas modais. *ALFA: Revista de Linguística*, 59(2), 281-307.
- FREITAG, R. M. K. (2001). O uso de Tá? e Certo? na fala de Santa Catarina. *Working Papers em Linguística*, 5(1), 25-41.
- FREITAG, R. M. K. (2007). Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, 4(4), 22-43.
- FREITAG, R. M. K. (2008). Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. *Revista do GELNE*, 10(1/2), 21-32.
- FREITAG, R. M. K. (2009b). Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. *ReVEL*, 7(13), 1-15.
- FREITAG, R. M. K. (2009a). Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. *Matraga*, 16(24), 115-132.
- FREITAG, R. M. K. (2013). Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, 14(2), 156-164.
- FREITAG, R. M. K. (2015). (Re)discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In R. M. K. Freitag & C. G. Severo (Orgs.), *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira* (17-74). São Paulo: Blucher.
- FREITAG, R. M. K. (2016a). Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 58(3), 445-460.
- FREITAG, R. M. K. (2016b). Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 32(4), 889-917.
- FREITAG, R. M. K., & Snichelotto, C. A. R. (2015). Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia?. *Working Papers em Linguística*, 16(1), 157-169.
- FREITAG, R. M. K., Martins, M. A., & Tavares, M. A. (2012). Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística*, 56(3), 917-944.
- FREITAG, R. M. K., Santana, C. C., Andrade, T. R. C., & Sousa, V. S. (2016) Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In R. M. K. Freitag, C. G. Severo & E. M. Gorski (Orgs.), *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos* (139-159). São Paulo: Blucher.
- FREITAG, R. M. K. & Santos, K. C. (2016). Efeitos de polidez na variação na primeira pessoa do plural *Veredas* 20(1), 136-159

- GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. (2007). Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista, Brasil.
- HOLMES, J. (1998). Complimenting: A positive politeness strategy. In J. Coates (Ed.), *Language and gender: A reader* (100-120). Oxford: Blackwell.
- LAKOFF, R. (1973). Language and woman's place. *Language in society*, 2(01), 45-79.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. (2006). Gramaticalização,(inter) subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de 'assim'. *Estudos lingüísticos*, 35(1), 1772-1779.
- LOPES-DAMASIO, L. R. (2016). Um enfoque no domínio da junção: a gramaticalização de mesmo assim. *Estudos Linguísticos*, 42(1), 385-400.
- MARCUSCHI, L. A. (1989). Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In A. T. Castilho (Org.), *Português Culto falado no Brasil* (281-321). Campinas: Editora da Unicamp.
- MARTELOTTA, M. E., Votre, S. J., & Cezario, M. M. (Orgs.) (1996). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.
- MENDONÇA, J. J., & Freitag, R. M. K. (2016). Primeira pessoa do plural com referência genérica e a polidez linguística. *Revista Soletras*, (31), 39-57.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M., & Macedo, A. T. (1996). Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In A.T. Macedo, C. Roncarati & M. C. Mollica (Orgs.), *Varição e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- ROST-SNICHELOTTO, C. A., & Görski, E. M. (2011). (Inter) subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização. *ALFA: Revista de Linguística*, 55(2), 423-455.
- RISSO, M. S., Silva, G. D. O., & Urbano, H. (1996). Marcadores discursivos: traços definidores. In I. Koch (Org.), *Gramática do português falado* (vol. VI) (21-57). Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP.
- RISSO, M. S., Silva, G. D. O., & Urbano, H. (2006). Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In C. Jubran & I. Koch (Orgs.), *Gramática do português culto falado no Brasil* (427-496). Campinas: Editora da Unicamp.
- SCHIFFRIN, D. (1994). *Approaches to discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHIFFRIN, D. (2001). Discourse markers: Language, meaning, and context. In Tannen, D., Hamilton, H. E., & Schiffrin, D. (Eds.), *The handbook of discourse analysis* (54-75). Oxford: Blackwell.
- TAVARES, M. A. (2013). Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, 17(17), 27-48.
- TRAPP, K. (2014). *Os marcadores discursivos sabe? e entende? na fala de informantes do município de Chapecó/SC*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Santa Catarina, Brasil.
- TRAUGOTT, E. C. (2001). Zeroing in on multifunctionality and style. In Eckert, P., & Rickford, J. R. (2001). *Style and sociolinguistic variation* (127-136). Cambridge: Cambridge University Press.

- URBANO, H. (2006). Marcadores discursivos basicamente interacionais. In C. Jubran & I. Koch (Orgs.), *Gramática do português culto falado no Brasil* (497-527). Campinas: Editora da Unicamp.
- VALLE, C. R. M. (2001). *Sabe? ~ não tem? ~ entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- ZIMMERMAN, D. & West, C. (1975) Sex Roles, Interruptions and Silences in Conversation. Thorne, B., & Henley, N. (Eds), *Language and sex: Difference and dominance* (105-129). Massachusetts: Newbury House Publishers.

[Recebido em 1 de novembro de 2016 e aceite para publicação em 19 de janeiro de 2017]